

EM MEMÓRIA DA *PERSONA*

JERÓNIMO PIZARRO

CLUL

jeronimopizarro@gmail.com

Sempre achei que o nome *Oporto* tinha sido um erro dos espanhóis, que ouviam «o Porto» e achavam que era uma palavra só. E foi nessa cidade, antecedida de «o», que circulou uma revista que de maneira mais informal pode ser antecedida de «a»: a *Persona* (1977-1985). Este texto é uma homenagem a essa revista, na «pessoa» de um dos seus directores, Arnaldo Saraiva, uma homenagem não só oportuna, mas justa: no âmbito dos estudos pessoanos, só tem existido uma revista digna e consistente dedicada exclusivamente a Fernando Pessoa (Pessoa, queria dizer). E coube ao Porto, não a Lisboa, a cidade onde nasceu o poeta, o acolhimento dessa bela e notável revista, que ainda hoje folheio com saudades, como se a tivesse comprado na altura do seu aparecimento (o ano do meu nascimento) e não muitos anos mais tarde num alfarrabista. A *Persona* foi até uma espécie de pré-blog, em que se publicavam as notícias pessoanas mais recentes; foi a minha primeira introdução crítica a Pessoa, depois de ter lido alguns dos seus livros.

Trata-se, pois, de uma evocação.

1. Publicada pelo Centro de Estudos Pessoaanos (quando ressurgirá outro?) e a Faculdade de Letras do Porto, pouco depois do 25 de Abril de 1974, a *Persona* ofereceu repentinamente uma visão panorâmica e transatlântica dos estudos pessoanos. Entre os primeiros textos publicados, figura um artigo sobre poética e política – prévio a algumas publicações da *Ática*, que depois de 1974 publicaria os textos «políticos» de Pessoa, tal como as suas cartas de amor – e um artigo sobre a escrita do *Desassossego* – prévio também à 1.^a edição

da Ática, de 1982. Nessa altura os estudiosos dialogavam muito mais com a *Obra Poética* publicada no Rio de Janeiro, com os textos publicados por Petrus, no Porto, e com a biografia de João Gaspar Simões. Foi também por esses anos – finais da década de 1970 – que Yvette K. Centeno começou a estudar mais activamente o hermetismo na obra de Fernando Pessoa. Depois de um Simpósio Internacional na Brown University (1977), o Centro de Estudos Pessoaanos ainda anunciou nas páginas da *Persona* um primeiro – até certo ponto, segundo – Congresso Internacional sobre Pessoa (1978). No ano desse Simpósio e da *Persona*, 1977, também surgiu uma revista que nasceu sob a égide pessoana: *Quaderni Portoghesi*.

2. Oito meses demorou a sair o segundo número (Julho, 1978). Abre com a notícia da morte de Jorge de Sena e um resumo do Congresso Internacional de Abril. Nesse encontro, aprovou-se «a realização de idênticos congressos de dois em dois anos, [objectivo que a Casa Fernando Pessoa quer assumir agora, 30 anos mais tarde], a criação de efectivas condições da preservação do espólio literário de Fernando Pessoa [sobre as quais ainda é possível debater], a preparação de uma edição crítica das Obras Completas de Fernando Pessoa até 1988 [o que não aconteceu até 1988]» e «a organização de núcleos de amigos» do escritor «em todos os países». Um dos principais textos da revista é a tradução portuguesa (anotada) de um original de Jorge de Sena intitulado «Fernando Pessoa: The man who was not». Mas os grandes nomes ou firmas, como diria Derrida, estavam novamente presentes: Eduardo Lourenço, Arnaldo Saraiva, Maria de Fátima Marinho, José Augusto Seabra... Entre 1977 e 1978 os inéditos foram pululando: na *Persona*, na *Colóquio-Artes*, na *Alpha* e em *Raíz & Utopia*. Hoje sente-se que houve um *boom*, com um dínamo no Porto, que só se voltou a sentir depois de 1985 e de 2005, quando os direitos de publicação dos textos de Pessoa deixaram de ter detentores particulares.

3. Um ano mais tarde (Julho, 1979) outro grande texto – senão o maior – de Jorge de Sena sobre Fernando Pessoa: um inédito sobre o *Livro do Desassossego*, em que Sena (ocultando-se no plural) escreve: «Cada vez mais nos inclinamos a crer, se não fora o testemunho de contemporâneos, ou os nossos olhos, que quem nunca existiu foi aquele cidadão pacífico, dado à astrologia e em ‘flirt’ com a Ordem do Templo». O *Livro* não publicado em vida por Pessoa recebeu uma estrondosa homenagem com o texto lúcido, pioneiro e cheio de humor de Sena, pensado como uma introdução. Na revista, Arnaldo Saraiva cita uma carta de Maria Aliete Galhoz para Sena, de 6 de Maio de 1960, em que Aliete escreveu: «Começo amanhã, sábado, a procurar e juntar os papéis do *Livro do Desassossego*». Esta frase lembra o que muitos esquecem: que o *Livro do Desassossego* se deve, principalmente, a mais de 20 anos de trabalhos da Aliete. Nesse número, o terceiro, também surge um artigo de Ángel Crespo, que em 1984 publicaria a sua tradução espanhola do *Livro*; de facto, Crespo traduziu três grandes obras universais (a *Divina Comédia*,

o *Livro do Desassossego* e *Grande Sertão: Veredas*), e em 1979 já tinha traduzido muitos poemas de Pessoa. Nesse mesmo ano, Antonio Tabucchi publicou o primeiro volume de *Una sola moltitudine*. Pessoa, um pouco como Picasso, foi um *one band man*.

4. Silêncio em 1980, mas logo em Janeiro, de 1981, novo número. Os artigos são variados e os colaboradores quase todos novos, embora igualmente importantes. Na minha memória sempre ficou a carta inédita de Júlio Dantas a agradecer a oferta de dois exemplares da *Mensagem*. Pessoa e Almada insultaram o Dantas, como quase toda a geração do Primeiro modernismo, mas Dantas recebeu e agradeceu os livros. Neste ponto gostaria de destacar três das dezassete «Notas e notícias» finais: (1) Espólio de Fernando Pessoa: Helder Macedo, então Secretário de Estado da Cultura, terá indicado que o espólio iria ser transferido para o «recém-criado Museu Nacional de Literatura (Porto)»; o Porto terá ficado à espera, como o Centro de Estudos Pessoaanos de receber uma cópia microfilmada dos originais; (2) Inéditos de Fernando Pessoa: Ivette Centeno reconheceu que tinha, por erro, atribuído poemas de Eliezer Kamenezky a Pessoa, no mesmo ano que Stephen Reckert revelou que um poema das *Poesias Inéditas* (1973) era de Walter Savage Landor e não de Pessoa; talvez um dia se escreva a micro história destas e outras atribuições desventuradas; (3) Vem aí o *Livro do Desassossego*: previa-se a publicação para Março de 1981; nesta notícia, o nome de Teresa Sobral Cunha, cuja colaboração foi tardia, ainda não surge associado à edição da obra; em Janeiro, Maria Aliete Galhoz terá concluído «o trabalho, gigantesco e delicado, da ordenação e leitura dos fragmentos».

5. Abril de 1981: já existe uma nova *Persona*, mas ainda não um *Livro*, cujo *suspense* a revista acompanhou. Arnaldo Saraiva escreve sobre Fernando Pessoa e Jorge de Sena. Lembra que Sena conheceu Pessoa na Rua Coelho da Rocha, em casa da sua tia-avó, mas como se o não tivesse conhecido: era apenas o «‘senhor’ vizinho e amigo da sua tia-avó»; que Sena, no âmbito dos estudos pessoanos, revelou que o Mestre Therion não era uma «mistificação pessoana», mas Aleister Crowley; que Sena divulgou em 1960, poucos meses depois de se radicar no Brasil, os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar; que Sena, 15 dias depois do 25 de Abril de 1974, enviou para o *Diário Popular* um poema de Fernando Pessoa contra o Estado Novo; que Sena «estimulou e dirigiu» teses como as de Anne Terlinden e Leland Guyer... A revista também é dedicada a outros paralelos: Pessoa/Luís de Camões; Pessoa/Antero de Quental; Pessoa/Cecília Meireles; Pessoa/Vergílio Ferreira. Por coerência destaco o de Pessoa/Jorge de Sena; e porque uma notícia final indica que o *Jorge de Sena Center for Portuguese Studies* aceitou, em 1981, co-organizar o II Congresso Internacional.

6. Em Outubro de 1981 apareceu um número menos coeso. Uma intervenção de Agustina Bessa Luís, um estudo comparativo sobre Caetano e Whitman, um texto em inglês

(traduzido do holandês) de August Willemsen... um soneto de Fernando Cabral Martins, muitas notas sobre o filme de João Botelho «Conversa acabada», que teve a habitual antestreia, e outras tantas sobre a *Fotobiografia* de Maria José de Lancastre. E o *Livro*? Uma nota pequenina... «A organização (difícil) do tão esperado *Livro do Desassossego* [...] chegou ao fim. A Ática conta pôr o livro à venda no decorrer do primeiro mês de 1982». E Sena? Arnaldo Saraiva reuniu dois ensaios publicados na *Persona* no livro: *Fernando Pessoa e Jorge de Sena*, Porto, Ed. Árvore, 1981. Neste ano também apareceu o primeiro número da *Revista da Biblioteca Nacional*, em Lisboa, e se amplificou a internacionalização de Pessoa, com conferências e exposições (uma comunicação de Arnaldo Saraiva em Granada abre o n.º 7).

7. Muitos meses passaram. Em Agosto de 1982, novo número, em que Maria de Fátima Marinho escreve sobre Cesariny *leitor* de Álvaro de Campos, e Fernando Martinho sobre como Sophia lê Pessoa. Primeira polémica aberta, entre August Willemsen e Edwin Honig, e uma carta de Raul Leal a João Gaspar Simões, de 23/24 de Julho de 1950, em que o primeiro relata o seu encontro com «Mestre Therion» e explica que Pessoa morreu num período «maléfico», ao qual poderia ter sobrevivido. E o *Livro*? Já tinha saído – «em dois volumes lançados com um intervalo de meses» – e Arnaldo Saraiva fez a recensão: elogiava a ordenação do *Livro* por «manchas temáticas», critério «que serve admiravelmente a leitura envolvente que pedia o carácter fragmentário, não progressivo, dos textos», mas perguntava-se, se um outro critério – tratando-se de uma obra «sincopada, heteróclita e inconclusa» – não poderia provocar um idêntico efeito: «Por exemplo, o [critério] cronológico; se e quando ele for possível». Uma nota final bastante áspera explica porque o II Congresso Internacional foi adiado para 1983, e deslocado para Nashville, Tennessee. Outra nota final – esta sim a final, final – refere-se a um prémio recebido pela professora romena Roxana Eminescu, que defendeu uma tese intitulada «Fernando Pessoa, Português Universal». Na Roménia já se defendiam teses sobre a universalidade de Pessoa...

8. O número de Março de 1983 parecia ir ser dedicado às relações literárias entre França e Portugal, mas o verdadeiro protagonista é o *Livro do Desassossego*. Em «Incidências francesas no modernismo português», Arnaldo Saraiva já omite o nome de Pessoa e se refere à «obra do autor do *Livro do Desassossego*», enquanto Eduardo Prado Coelho, em «Pessoa/Soares e a cultura em língua francesa», começa o seu texto com a tese central de muitas teses futuras: no *Livro* a cultura francesa é «predominante», mas a «função estratégica» é desempenhada por Amiel. Depois vem um dos clássicos que apareceram na *Persona*: «O *Livro do Desassossego* – um breviário do decadentismo», de Georg Rudolf Lind. Lind nota que a publicação da obra tardou 47 anos, isto é, «tantos como a vida do autor», que «não sabemos como Pessoa teria arrumado» os fragmentos do *Livro*, como «tão-pouco sabemos como Blaise Pascal teria editado os seus *Pensées*» – mas que «a arrumação temá-

tica de J. do Prado Coelho carece da necessidade desejável» – e que assim como os franceses (depois de lerem o *Livro*) «pensarão em Huysmans, Amiel ou Rollinat, os leitores de língua alemã em Nietzsche, Benn ou no *Malte Laurids Brigge* de Rilke». De 1983 é de destacar um livro: o *Esboço de uma bibliografia*, de José Blanco. Nota curiosa: a *Ode van de Zee* («Ode Marítima») chegou a ser a «poesia estrangeira que mais se vendia então na Holanda».

9. Este número está dividido, pelos fac-símiles de um caderno da adolescência de Pessoa, em duas partes. A primeira, composta de seis artigos – sempre partilhei a opinião de Arnaldo Saraiva em «os órfãos do *Orpheu*»: «Até ver, nada do que é de Pessoa nos deve ser alheio [...] até o Pessoa desinteressante deve provisoriamente interessar-nos» – e a segunda por uma polémica entre Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Este reage ao artigo daquele e confessa que teimou «em seguir o [s]eu roteiro temático» para arrumar o *Livro do Desassossego*; «não sei», justifica, «como G. R. Lind» – que defendeu, como Sena, a existência de dois livros – «conjugaria o critério cronológico-estilístico com o critério temático». Prado Coelho não parece ter admitido a possibilidade de não ser necessária essa conjugação. Seja como for, o primeiro organizador do *Livro* termina com um desabafo significativo, lido mais de vinte anos mais tarde: «Ah dêem-me licença para, de vez em quando, ser menos universitário e melhor, mais fino e desenvolto amador!». Nas notas confirma-se o sucesso do II Congresso Internacional, anuncia-se um romance que José Saramago estava a escrever em 1983, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, e informa-se que Ángel Crespo obteve os direitos de tradução do *Livro do Desassossego*, para o espanhol, e que a tradução alemã ia ser publicada pela editora Ammann de Zurique, com organização de G. R. Lind.

10. O décimo número (Julho, 1984) foi um autêntico *special issue*, dedicado não a Pessoa, mas a Camilo Pessanha; até desaparecerem as notícias pessoais e Eugénio de Andrade contribuiu com um texto diáfano, como todos os seus: «Camilo Pessanha, o mestre». A *Persona* tornou-se, nesse número, uma revista de poesia como a *Relâmpago*, e disponibilizou um dossier preciso sobre o autor da *Clepsidra*. «O sistema solar Pessoa», justificou Arnaldo Saraiva, «tem feito com que muitos não possam ver o sol Pessanha».

11/12. Número duplo e final (Dezembro, 1985). Desponta com a diafaneidade de Eugénio de Andrade, num «Encontro com Fernando Pessoa», traz um suplemento a *Persona* 10, novas nótulas sobre as traduções espanholas de Pessoa e uma polémica, entre o autor das nótulas e Miguel Ángel Viqueira, algo teimoso, que defende as traduções poéticas de «moços de esquina», por «chulos», de «estupores» por «maricones» e de «arre!» por «coño!». Nas notas finais, em nome do Centro de Estudos Pessoaanos (CEP), agradece-se a Maria Aliete Galhoz a doação do «conjunto dos textos dactilografados que preparou

para a edição do *Livro do Desassossego*», comenta-se a transladação dos restos mortais de Pessoa para os Jerónimos, anunciam-se as comemorações do cinquentenário da morte de Pessoa e divulga-se um programa do III Congresso Internacional, em Lisboa. Após 12 números os directores da revista registam: «Há ainda em Portugal quem ignore o CEP [...] há quem lhe negue apoios, e quem tente boicotar ou substituir-se a iniciativas suas». Termino com uma nota mais pessoal, que é também uma citação textual: «Colômbia – O famoso romancista Gabriel García Márquez – Prémio Nobel de 1983 – confessou, numa entrevista à revista espanhola *Cambio 16*, que Fernando Pessoa era um dos seus poetas preferidos». Ainda me lembro – e já não sei onde está – de ter descoberto entre os papéis de Pessoa uma possível referência ao pintor colombiano Ignacio Gómez Jaramillo (1910-1970).

Termino com este ponto, aproveitando para saudar com generosidade, embora retrospectivamente, todas as iniciativas do Centro de Estudos Pessoaanos e a sua luta contra uma certa desídia ou inoperância. Basta reparar que hoje – que o espólio pessoano foi classificado e designado como tesouro nacional – ainda «inexiste» uma revista de estudos pessoanos e um centro dedicado ao estudo da sua obra. E saúdo, como já disse, todas essas iniciativas na pessoa de Arnaldo Saraiva, que considero justo e oportuno homenagear. Por Fernando Pessoa, por Eugénio de Andrade, pelas literaturas de muitos países. E, naturalmente, pelo que os seus trabalhos significaram para mim.